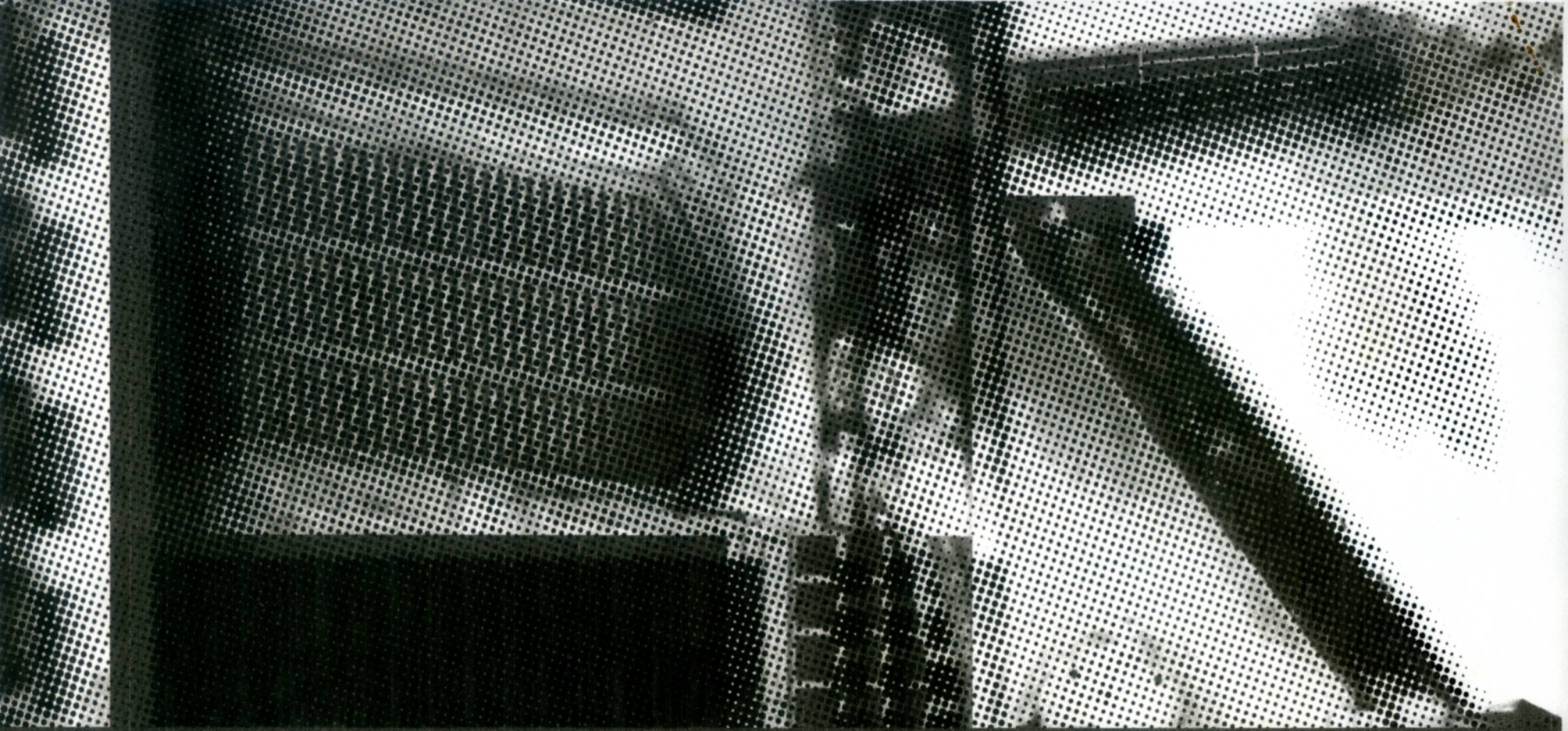


cavalariças
projeto zona instável

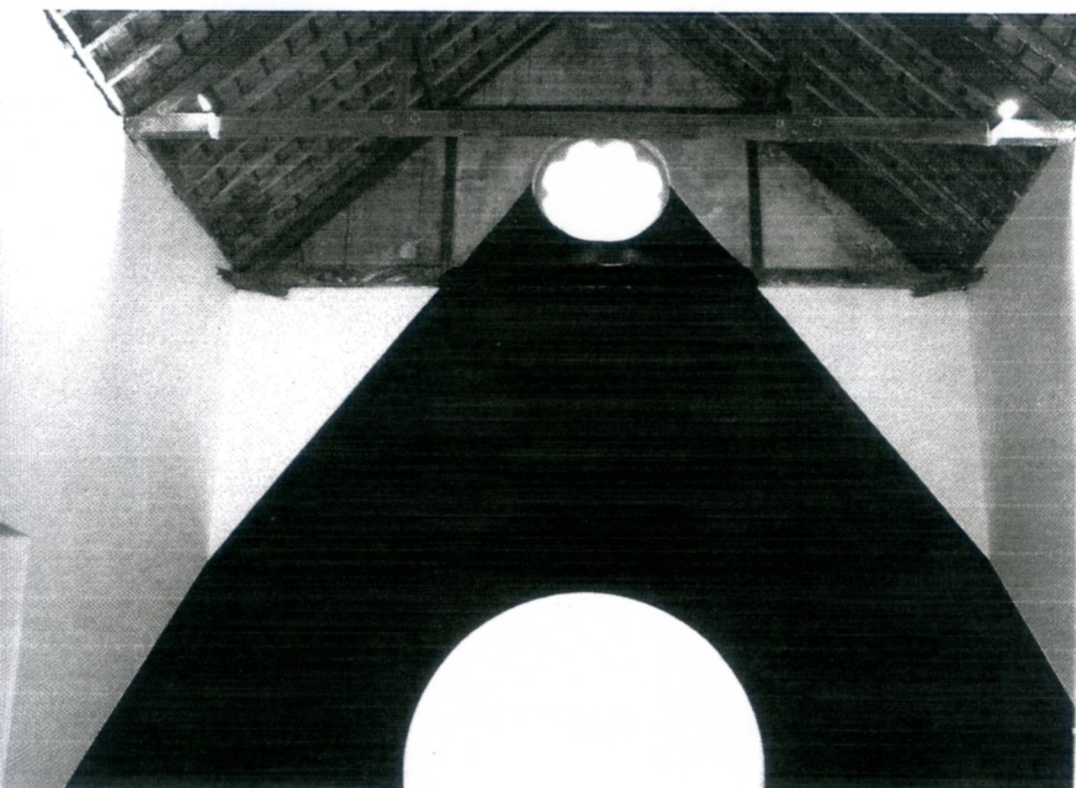
ana tavares

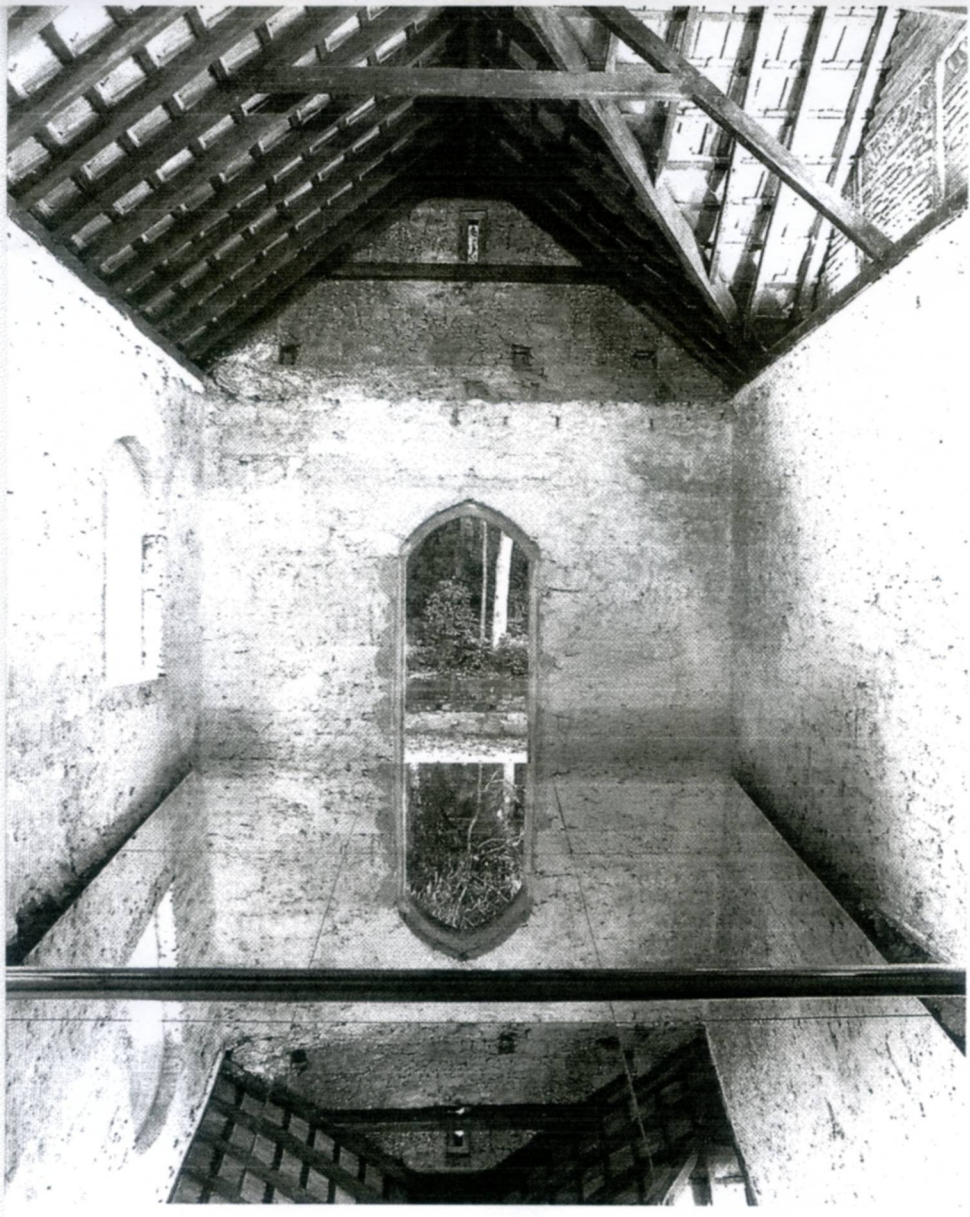
Essas características em comum assumem feições específicas tanto na trajetória de cada uma destas artistas, como nos trabalhos ora expostos.

Ana Tavares combina em seus trabalhos procedimentos conceituais de origem *Duchampiana* com uma formalização próxima não só do Minimalismo (uso de materiais industriais pré-fabricados de forte presença gráfica como tubos de metal, etc.) como do campo tridimensional contemporâneo da escultura, arquitetura e *design*. O sentido estético de sua obra é dado, pois, pela articulação das esferas semântica (não retiniana) e formal (o espaço construído pela obra) feita em algum ponto entre estes dois extremos claramente designados.

Gambling II, entretanto, pensada para a menor galeria das cavalariças da EAV, difere desses aspectos de origem *Duchampiana* presentes, com muita freqüência, na obra de Tavares. Consiste em um guarda-corpo de metal que separa a entrada da sala e o trabalho propriamente dito, bloqueando, como num sítio arqueológico, o ingresso do público à instalação. Do fundo dessa segunda e maior parte do espaço, interditada somente ao corpo e não ao olhar do espectador, descem inclinados para o piso defronte ao guarda-corpo espelhos que forram toda a rampa interna à obra. Completando a instalação, janelas de vidro deixam entrar, durante o dia, a luz solar e, à noite, a iluminação artificial.

O reflexo do teto no chão espelhado da galeria produz uma inversão perceptiva que pode produzir uma sensação de queda iminente no teto refletido, ou a ilusão, talvez, de um novo andar, situado abaixo do nível em que se encontra o fruidor, já então possivelmente confrontado com o risco e o estranhamento entre o que vê e o que sabe.





As mostras de Ana Tavares, Regina Silveira e Wanda Pimentel possuem afinidades de tal sorte que parecem ter sido escolhidas com um propósito curatorial determinado, tanto visual quanto conceitualmente.

Sua reunião num único evento, no entanto, não é fruto da deliberação de um curador, mas da direção da EAV e de sua Associação de Amigos que convidaram as três artistas não só pelo diálogo entre suas poéticas, como também, sobretudo, pelas qualidades específicas das obras.

Mesmo assim, a complexa proximidade de algumas das questões dos trabalhos só pôde ser observada graças à sua reunião efetiva nas galerias das Cavalariças da Escola.

Apesar de Silveira e Tavares terem criado especialmente para as Cavalariças (*site specific*) e Pimentel escolhido mostrar trabalhos de 1970, estas obras possuem, mesmo considerando a distância cronológica que as separa, aspectos convergentes que nos permitem, desde já, estabelecer algumas afinidades essenciais entre as três: problematização das fronteiras técnicas entre as práticas gráficas, escultóricas e a pintura; questionamento dos padrões que informam a percepção do espectador; ordem espacial e simbólica

Recentemente diversas exposições têm procurado apresentar obras de artistas mulheres, levantando questões sobre a presença feminina na arte contemporânea. Haveria de fato diferença entre a arte produzida por homens e a produzida por mulheres? Se sim, como se expressaria esta feminilidade? Seria a exteriorização de uma essencialidade feminina – ligada à diferenças biológicas – manifestada inconscientemente pela artista?

Em seu ensaio sobre o expressionismo "A Falácia Expressiva", Hal Foster afirma que: "Quer sejam impulsos inconscientes, quer sejam signos sociais, essas expressões mediatizadas "precedem" o artista: elas o dizem mais do que ele as expressa". E ainda: "A busca expressionista pela imediaticidade é assumida na crença de que existe um conteúdo além da convenção, uma realidade além da representação". Assim, fazendo um paralelo com a expressão do feminino na arte, deveríamos considerá-la em sua dimensão convencional, como manifestação dos signos da representação dominante da mulher, construída histórica e socialmente – sensibilidade, maternidade, vida doméstica, vaidade, sensualidade, romantismo entre outros? E o que demonstra a manifestação destes signos, a internalização desta representação, de forma alienada, pela artista, ou a sua consciência crítica em relação à opressão social?

E como signos, não poderiam também ser utilizados por artistas homens? Para toda obra produzida por artistas mulheres a identificação deste aspecto é fundamental para a sua compreensão?

Procurando contribuir para o debate, a Escola de Artes Visuais, dentro do Projeto Zona Instável – realizado em seu novo espaço de exposições, as Cavalariças – convidou três artistas, com percursos bem diferentes, mas que sem dúvida representam importantes atuações da mulher na arte contemporânea brasileira: Ana Tavares, Regina Silveira e Wanda Pimentel.

Luiz Ernesto

diretor